

Militares venezuelanos : peculiaridades que determinan su compromiso junto al pueblo	Título
Harnecker, Marta - Autor/a	Autor(es)
	Lugar
	Editorial/Editor
2003	Fecha
	Colección
Fuerzas armadas; Democracia; Golpes de estado; Política; Venezuela;	Temas
Artículo	Tipo de documento
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/otros/20111026113702/militve.pdf	URL
Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 2.0 Genérica http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

Segui buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO
<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)
Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)
www.clacso.edu.ar



Em mais alguns dias muitos iremos comemorar junto ao povo da Venezuela o primeiro aniversário da epopéia de abril de 2002, que em menos de 48 horas fez fracassar a intentona golpista e devolveu o presidente Hugo Chávez Frías à Presidência da República. Os militares venezuelanos junto ao seu povo e muitas vezes impulsionados por este mesmo povo, souberam estar à altura dos enormes desafios que o processo bolivariano revolucionário deve enfrentar. A eles dedico este livro com a esperança de que outros militares latino-americanos sigam seu exemplo.

Militares venezuelanos

PECULIARIDADES QUE DETERMINAM SEU COMPROMISSO JUNTO AO POVO

**MARTA HARNECKER
1 DE ABRIL 2003**

1. Há quem rejeite o processo revolucionário bolivariano por ter um líder militar e pelo destacado papel dos militares em muitas instituições do Estado e planos do governo. Isto ocorre porque estão acostumados a entender que os militares fazem parte do corpo repressivo do Estado burguês, que estão permeados pela ideologia burguesa, que não têm como mudar. Não será uma visão muito mecanicista? Não será preciso evitar generalizações e tratar, pelo contrário, de analisar cada exército na situação concreta em que está inserido?

2. A história parece dar o seu aval à última pergunta. Em algo mais de quatro anos que têm estado no primeiro plano do cenário político, os militares venezuelanos têm desempenhado um relevante papel na defesa das decisões democraticamente adotadas pelo povo venezuelano, sendo os principais artífices do retorno de Chávez ao governo quando um grupo de altos oficiais, a maioria deles sem comando de tropa¹, desempenharam o triste

¹ Pouco se conhece que os únicos oficiais golpistas de alta graduação que realmente tinham posição de comando foram: o chefe do Estado Maior Geral da Força Armada, Ramírez Pérez e o comandante do Exército, general Vásquez Velasco. Aderiam ao golpe vários generais da reserva e em torno de 200 comandos entre generais, almirantes, coronéis, tenentes-

papel de peças dos grandes interesses empresariais em uma frustrada tentativa de golpe de Estado em abril de 2002.

3. Mas, não só isso, estiveram também à frente dos grandes projetos sociais do governo. Têm colocado sua força de trabalho, seus conhecimentos técnicos e sua capacidade organizativa a serviço dos setores sociais mais desvalidos. O exemplo mais destacado é o Plano Bolívar 2000, que consiste em um programa de melhoramento das condições de vida dos setores populares, de limpeza de ruas, escolas, de saneamento ambiental para combater doenças endêmicas, de recuperação de infraestrutura social em zonas urbanas e rurais. Ao mesmo tempo em que se procurava solucionar problemas sociais, pretendia-se gerar emprego nos setores mais necessitados e incorporar as organizações comunitárias às tarefas de reconstrução e limpeza.

4. É importante levar em conta que este plano começa a ser aplicado no primeiro ano do governo de Chávez² quando, por um lado, a correlação de forças em nível das instituições lhe é muito desfavorável: nesse momento a maior parte dos governos estaduais e das prefeituras estão em mãos da oposição. O mesmo ocorre com o Congresso e o Tribunal Supremo de Justiça³ e, por outro, a maioria dos quadros políticos está dedicada ao processo constituinte e portanto, à relegitimação de mandatos. A isto se somam as enormes expectativas da população, e o único aparato presente em todo o território nacional com uma estrutura central⁴ e capacitado para cumprir esta missão era a Instituição Militar.

5. A Força Armada assumiu com muito entusiasmo estas tarefas e o contato direto com a problemática social que vive a população mais pobre contribuiu para criar consciência e compromisso social na oficialidade jovem que as levou adiante. Estes jovens militares se situam hoje entre os setores mais radicalizados do processo.

6. O que torna estes militares diferentes? Por que a grande maioria deles apoia o processo de transformações profundas em seu país orientado para resolver os problemas dos mais despossuídos?

coronéis e oficiais subalternos. A cifra de oficiais com que conta a Força Armada é de 8 mil. Dos comandos operacionais 80 por cento se voltaram ao plano de resgate de Chávez e o número talvez seja maior, porque as comunicações naquele momento eram muito difíceis.

². Este é anunciado ao país em 27 de fevereiro de 1999, ao completar-se dez anos do chamado “Caracaço”.

³. As eleições de governadores e prefeitos haviam tido lugar um ano antes das presidenciais.

7. A seguir veremos alguns dos elementos que poderiam responder a estas perguntas. Antes de expo-los gostaria de advertir ao leitor que as reflexões que exponho não tem sido fruto de estudos acadêmicos, mas que foram extraídas das experiências e reflexões dos encontros que mantive com nove oficiais da Força Armada venezuelana, cujas entrevistas foram reunidas no livro: *Venezuela. Militares junto ao povo*.

8. Vejamos então as características particulares dos militares venezuelanos:

9. Em primeiro lugar é preciso levar em conta que é um corpo armado marcado por Simón Bolívar, a mais destacada figura da luta independentista da América Latina contra a Espanha. Este prócer não fala de luta de classes, mas sim da necessidade de abolir a escravidão e em todo seu pensamento estão muito presentes os setores populares. Talvez sua maior contribuição tenha sido sua compreensão da necessidade da integração latino-americana. Viu muito cedo que os nossos países não tinham futuro se não se articulassem para enfrentar unidos os países da Europa e os Estados Unidos. Já na segunda década do século XIX foi capaz de prever que os “Estados Unidos da América do Norte parecem destinados pela providência para desgraçar a América de misérias em nome da liberdade”. Por outro lado, em sua filosofia política concebia a democracia como o sistema político que devia dar a máxima felicidade ao povo. Além disso, considerava que um militar nunca devia apontar suas armas contra a população.

10. Em segundo lugar, a partir da geração de Hugo Chávez, a maioria de seus oficiais não se formaram na Escola das Américas mas na Academia Militar venezuelana, que havia então (1071) sofrido uma profunda transformação. O chamado Plano Andrés Bello elevou a docência a grau universitário. Os quadros do Exército começaram a estudar ciências políticas, a conhecer pensadores da democracia, analistas da realidade venezuelana. Em estratégia militar se estudava Clausewitz, estrategistas asiáticos, Mao Tsé Tung. Muitos desses militares terminaram por se especializar em determinadas matérias nas universidades e começaram a intercambiar com outros estudantes universitários. E se alguns chegaram a ir estudar na academia norte-americana, já iam com sua mochila carregada de idéias progressistas.

⁴. Além da Igreja Católica.

11. Em terceiro lugar, é preciso levar em conta também que esta geração de oficiais não teve que se enfrentar com uma guerrilha em auge, como outros militares latino-americanos. Forma-se, pelo contrário, nos anos setenta, quando o país já estava quase pacificado e eram muito poucos os núcleos guerrilheiros que persistiam. Ao percorrer zonas camponesas em seus patrulhamentos fronteiriços não encontravam guerrilheiros, mas pobreza. Enquanto a ideologia burguesa dominante em nossos países trata de nos fazer acreditar que os pobres são pobres porque são bêbados, porque não têm disposição para trabalhar nem iniciativa, porque são pouco inteligentes, e essa é a ideologia que impregna geralmente os nossos corpos amados, os militares venezuelanos vêm por trás da pobreza a oligarquia venezuelana que monopoliza as riquezas e os Estados Unidos vocacionados para semeá-la.

12. Em quarto lugar, na Força Armada venezuelana não existe discriminação para ascender aos graus mais altos dentro da Força Armada. Não existe uma casta militar como em outros países. A maioria dos oficiais de alta graduação são filhos de famílias de escassos recursos, seja do campo ou da cidade, e conhecem, por experiência própria, as dificuldades que o povo venezuelano deve enfrentar em seu dia a dia. Naturalmente que esta origem popular não implica que – uma vez que tenha conseguido ascender aos graus mais altos e comecem, por isso mesmo, a se relacionar tanto familiar como economicamente com setores da oligarquia – estes oficiais sejam imunes às hábeis manobras de cooptação que estes setores costumam empregar. Alguns deles esquecem sua origem social e passam a servir aos interesses das classes dominantes.

13. Em quinto lugar, é preciso levar em conta a comoção que causou na geração de Chávez a explosão social que ocorreu em 27 de fevereiro de 1989, em repúdio ao pacote de medidas econômicas neoliberais imposto pelo governo de Carlos Andrés Pérez que implicava, entre outras coisas: a redução do gasto público, a liberalização dos preços, a liberalização do comércio, a promoção do investimento estrangeiro, a privatização das empresas do Estado.

14. A causa imediata da rebelião popular foi o aumento do preço do transporte como consequência da alta do preço da gasolina. A população dos bairros mais pobres saiu massivamente às ruas e começou a queimar ônibus, a saquear comércios, a destruir lojas e supermercados. Os militares saíram para restabelecer a “ordem”. O “Caracaço” –

denominado assim por haver tido como epicentro a capital da Venezuela, mesmo que fenômenos semelhantes tenha ocorrido em vários outros Estados do país – terminou com um massacre de grandes proporções⁵ e foi um acontecimento determinante no amadurecimento político de muitos jovens oficiais.

15. Em sexto lugar, o enorme contraste na distribuição da riqueza em um país que havia vivido um *boom* petrolífero e poderia ter resolvido com essas receitas os problemas sociais da população mais pobre, e corrupção reinante em todos os níveis, foram elementos chave na gestação de uma corrente de repúdio à situação existente dentro da própria instituição militar. Esta corrente terminou se constituindo – em dezembro de 1982 – em um movimento clandestino que foi crescendo internamente e se expandindo para setores civis: o Movimento Bolivariano Revolucionário 200.

16. Três são as fontes de inspiração desse movimento: Simón Rodríguez foi mestre e amigo de Bolívar, um grande educador e reformador social que defendeu com muita força a originalidade de nossa realidade latino-americana, sua composição pluriétnica e a necessidade de integrar os povos indígenas e os escravos negros nas futuras sociedades latino-americanas. E defendia com grande vigor a necessidade de criar instituições originais adaptadas à nossa realidade, rejeitando copiar soluções provenientes da Europa. “Ou inventamos ou erramos” era um de seus lemas. Ezequiel Zamora foi um general liberal que, na guerra federal de 1850, lutou contra os conservadores e que impulsionou uma luta de vida ou morte contra a oligarquia e a entrega de terras aos camponeses.

17. Em sétimo lugar, o Caracaço acelerou os planos da jovem organização, a qual três anos depois, em 4 de fevereiro de 1992, organizou uma sublevação militar contra o presidente Pérez, que fracassou em seus objetivos imediatos, mas que permitiu catapultar para o cenário nacional o máximo líder do Movimento, o tenente-coronel Hugo Chávez Frías. Ao carismático militar lhe bastaram dois minutos na televisão para que sua imagem ficasse gravada na memória de seu povo. Nesse escasso tempo assume publicamente sua responsabilidade diante dos fatos, em um país onde nenhum político era capaz deste tipo de gestos, chama à rendição as unidades que ainda estavam levantadas; e lança sua famosa

⁵. Nunca se soube exatamente a cifra de mortos. O governo reconheceu oficialmente a de 372, mas alguns organismos de direitos humanos calcularam a cifra de 5 mil.

frase: “Por enquanto”!, numa clara mensagem ao seu povo de que não havia renunciado a continuar na luta.

18. Esse gesto lhe permitiu construir uma opinião pública favorável a sua pessoa e ao projeto que encarnava, em um país onde o ceticismo pela política e pelos políticos dominava em amplos setores da sociedade, entre eles as camadas médias. Foi com esse saldo inicial favorável que consegue acumular a suficiente força como para ganhar amplamente as eleições presidenciais de 1998.

19. Em oitavo lugar, esse triunfo eleitoral foi muito bem recebido por muitos de seus companheiros de armas, predispondo-os favoravelmente a realizar qualquer tarefa que o novo governo se propusesse. Era necessário que a instituição militar se reivindicasse e deixasse para trás a negativa imagem do Caracaço. Mas, ao mesmo tempo, era um governo que havia ganhado democraticamente as eleições e os militares deviam ser fiéis a sua missão de defensores do sistema democrático. Acaso seu respeito à Constituição e às leis que vários dos oficiais que hoje simpatizam com Chávez e seu projeto tenham tido uma atitude bastante crítica diante do Golpe de 1992 que ele encabeçou?

20. Em nono lugar, na maior parte dos países latino-americanos os processos sócio-políticos que pretenderam empreender mudanças profundas tiveram que enfrentar uma complicada camisa de força: a legalidade existente, cujo objetivo último não é outro que a proteção do sistema anterior contra qualquer mudança que possa afetar os interesses das classes dominantes. No caso da Venezuela, o primeiro gesto do governo recém eleito foi impulsionar um processo constituinte para mudar as regras do jogo herdadas e refundar o Estado, criando uma nova institucionalidade mais adequada às mudanças que se pretende levar adiante. Uma Assembléia Constituinte deu passagem para uma nova Constituição⁶. É preciso entender então que a nova Constituição se transforma no grande aliado do processo porque a defesa da Constituição não significa outra coisa senão a defesa das mudanças iniciadas por Chávez. Foi essa Constituição que permitiu que o general Baduel, um zeloso advogado da necessidade de que os militares respeitem a Carta Magna, se declarasse em rebeldia e não obedecesse as ordens de seus superiores golpistas; foi essa mesma

Constituição da qual se valeram muitos jovens oficiais e soldados para organizar a resistência a partir de baixo, pressionando seus comandantes a que repelisses o golpe.

21. Em décimo lugar, o programa econômico do governo Chávez, que pretende ser uma alternativa à globalização neoliberal estrangeirizante e que se propõe a promover o investimento nacional, a procurar um desenvolvimento endógeno, rejeita a privatização do petróleo, e pretende resolver prioritariamente a situação dos setores mais desfavorecidos da população, é um programa que se encaixa muito bem com a vocação da defesa da soberania e do patrimônio nacional da instituição militar.

22. Isto permite entender porque as últimas ações da oposição relacionadas com o locaute empresarial e a sabotagem ao petróleo, que trouxeram com conseqüência um enorme dano à economia do país, receberam um repúdio dentro da Força Armada venezuelana, consolidando as posições de defesa do processo encabeçado por Chávez.

23. Em décimo primeiro lugar, se trata de um exército que tem um líder extraordinariamente carismático, com uma autêntica vocação popular. Chávez despertou na imensa maioria dos soldados uma grande admiração e carinho. Acima de qualquer comandante está ele, seu comandante em chefe. Durante o golpe de abril de 2002, é a esses soldados – que foi encontrando em sua peregrinação de prisão em prisão desde o Forte Tiúna⁷ até a ilha Orchila, seu último lugar de reclusão – a quem deve a vida.

24. Espero que estas reflexões contribuam para compreender melhor os militares venezuelanos. Eles, junto a seu povo e muitas vezes impulsionados por este mesmo povo, têm sabido estar à altura dos enormes desafios que o processo bolivariano deve enfrentar.

⁶. Convocou-se em 1999 uma Assembléia Constituinte composta de 131 membros. Esta sessionou em torno de 6 meses e finalmente apresentou um projeto de nova Constituição, o qual foi aprovado pela esmagadora maioria (129 votos de 131) e em seguida submetido a votação, obtendo o apoio de 70% do eleitorado venezuelano.

⁷. Explicação.